



# Passeurs de monde(s)



## Rock'n'roll, José Luis Peixoto e literatura portuguesa

Passando pelo portal principal, corríamos os três primeiros andares no meio de romances, dicionários, livros de filosofia, de medicina, de direito. Escondida ao lado de uma estante, uma pequena escadaria nos levaria ao sótão. Degraú após degraú, íamos subindo essa torre, número 3 da rua Gambetta, onde começaria o primeiro capítulo do florilégio de contos proposto

pelos *Passeurs de Monde(s)* 2010.

Nós vínhamos aqui com o afã de descobrir o novo grande autor português. Como seria? Um pouco excêntrico, diziam alguns. Lindo e

maravilhoso, diziam outras. Autor e estrela de "roque enrow"<sup>1</sup>!

Vocês não sabiam? Ele não só escreve letras de músicas como canta numa banda de rock. Ele fala português, francês, inglês e alemão. Ele usa brincos e tem tatuagens! O mito José Luis Peixoto com certeza já nos tinha conquistado a todos !



Mas que surpresa tivemos ao vê-lo entrar, todo modesto e sereno. Assim é o paradoxo José Luis Peixoto. Todo manso no falar e empunhando uma pena certa. Essa aliás foi recompensada nacionalmente e internacionalmente inúmeras vezes. De fato, modéstia natural à parte, o autor pode se felicitar de ter feito uma entrada triunfal na lista dos autores portugueses; seu primeiro romance, *Nenhum Olhar* (2000), foi recompensado com o **Prémio Literário José Saramago**, em 2001. José Luis Peixoto se torna assim "*uma das revelações mais surpreendentes da literatura portuguesa actual*" segundo o autor epônimo José Saramago. Seis anos mais tarde foi nomeado pelo Financial Times como um dos melhores livros publicados na Inglaterra em 2007. Ele já tinha sido premiado em 1997, 1998 e em 2000 com o **Prémio Jovens Criadores**. Em 2007, sua terceira novela, *O cemitério de pianos* recebeu o **Prémio Calamo Otra Mirada** como melhor romance estrangeiro publicado na Espanha. José Luis Peixoto é o príncipe encantado da literatura portuguesa. Ele é o menino prodígio que saiu do marasmo e da ignorância da qual sofrem muitos escritores lusófonos, como o inestimável e deplorado José Saramago, que esperou seus 76 anos e um prémio Nobel para ser internacionalmente reconhecido e citado.

Foi através do primeiro capítulo de *O cemitério dos pianos* que nos foi apresentado o universo de José Luis Peixoto. O livro conta a vida do atleta e carpinteiro Francisco Lázaro. *Deve-se saber que Francisco Lázaro é tristemente lembrado como o primeiro atleta a morrer durante uma maratona<sup>2</sup> olímpica, em 1912. O lado glorioso da medalha é que ele faz parte da primeira equipe portuguesa a participar dos Jogos olímpicos, em Estocolmo...* Voltando ao livro ! Nos perdemos entre duas, e segundo estudiosos da obra de José Luis Peixoto<sup>3</sup>, são três, gerações de Franciscos que vão se cruzando. A história começa com a espera aflitiva da morte do pai, Francisco. De repente o toque estridente do telefone. Ninguém ousa receber a mortífera chamada. Segundos intermináveis que anunciam o nascimento do neto Francisco. O recém-avô morrerá no mesmo dia.

<sup>1</sup> Esse tal de Roque Enrow – letra da musica de Rita Lee

<sup>2</sup> No quilômetro 29. Se atribui a morte do português a uma forte desidratação.

<sup>3</sup> Ele é o primeiro a se surpreender com a existência de especialistas de sua obra

Mas a pergunta à qual deveríamos responder é : de que fala José Luis Peixoto ? Esse alentejano de Galveias (Ponte de Sôr) dá uma grande importância ao papel da família. Ele se interessa em particular pelas relações entre as diferentes gerações. Se preocupa com a transmissão de conhecimento e histórias e afinal é à pergunta do passar do tempo – o adágio, *YOKNAPATAWPHA*<sup>4</sup> está tatuado no seu braço. O rastro comum nos seus romances é o embrenhado de temas ligados a sua vida. Tomemos o exemplo de seu último livro, *O Livro*. Nele, José Luis Peixoto aborda o tema da emigração portuguesa. Além da importância do Salto<sup>5</sup> na história portuguesa moderna, descobrimos que os pais de José Luis Peixoto também saltaram a Espanha, no fim da década de 50, para chegarem na França e regressarem para Portugal um pouco antes do seu nascimento, em 1974.

Temas que nos levam a refletir, a pensar, a sonhar. Temas narrados com musicalidade e ângulos inéditos. As personagens de José Luis Peixoto são assim, um tanto abracadabrantescas. São gêmeos siameses unidos por um só dedo, gigantes, diabos casamenteiros, anti-heróis mutilados, cada um mais fabuloso que o precedente. São todas imagens engendradas com cuidado pois o objetivo último do autor é *“que o livro cumpra-se quando ele encontra um leitor que tenha a generosidade de fazê-lo viver. Até lá, ele é um objeto morto. Um livro fechado, um romance numa prateleira, numa estante, é um objeto. Podia não ter sido escrito.”* Isso talvez explique a frequência de suas participações em eventos literários como os *Passeurs de Monde(s)*.

José Luis Peixoto veio de Lisboa, passou muito rapidamente por Poitiers e por La Rochelle e partiu num piscar de olhos. Hoje esperamos que ele siga viajando e escrevendo como gosta de fazer. As férias estão chegando e nós vamos pela primeira vez abrir com calma e cuidado um livro de José Luis Peixoto. Vamos, enfim, descobrir com nossos próprios olhos o que ele esculpiu com a língua portuguesa; essa *“língua bastante plástica, que permite experimentação; que permite muitas possibilidades que ainda estão aí para serem experimentadas”*. Essa é uma das quatro línguas de Sciences Po Poitiers. Essa é *“a língua que nós falamos em Portugal, no Brasil, em Moçambique, em Angola, em Cabo Verde. É a mesma língua. Têm especificidades, mas essas especificidades são a sua riqueza. Não são um fator de separação, são fator de riqueza da própria língua”*.

E por aqui ficamos e os deixamos com um poema dedicado as nossas mães:

***Palavras para a Minha Mãe***  
***José Luís Peixoto, em "A Casa, a***  
***Escuridão"***

*mãe, tenho pena. esperei sempre que  
entendesses  
as palavras que nunca disse e os gestos  
que nunca fiz.  
sei hoje que apenas esperei, mãe, e  
esperar não é suficiente.*



*pelas palavras que nunca disse, pelos gestos que me pediste  
tanto e eu nunca fui capaz de fazer, quero pedir-te  
desculpa, mãe, e sei que pedir desculpa não é suficiente.*

*às vezes, quero dizer-te tantas coisas que não consigo,*

<sup>4</sup> Neologismo criado por William Faulkner, significa « água correndo lentamente sobre a terra plana ».

<sup>5</sup> Retratado no documentário histórico « Au revoir Portugal » de Carlos Domingomes, seleção oficial do festival Caminhos do Cinema Português Coimbra 2009.